

Cláudio D.L.

1982

Antropologia e Historia Africanas à luz
da Historia da FRELIMO

Jacques Depelchin (Centro de Estudos Africanos)

Nota introdutiva

Esta contribuição nao teria esta forma e este conteúdo se ao longo da sua elaboração nao tivesse aproveitado de discussões e comentários de varias pessoas entre as quais tem que destacar colectivamente os membros da Oficina de Historia do CEA, os alunos do 3º ano de Historia que seguiram a cadeira de Historia de Africa IV. Queria agradecer em particular as criticas feitas pelo Professor Aquino de Bragança, Yussuf Adam, Anna Maria Gentili, Pauline Wynter. Estes agradecimentos nao para desviar ou diminuir a responsabilidade final mas para salientar que qualquer produto intelectual aparentemente individual resulta sempre dum processo social em que o autor é so um porta-voz que aproveita e exprime numa forma e num estilo proprios o que ja tinha sido concebido e preparado por outros.

Por isso os argumentos avançados ca nao pretendem ser originais e em muitos casos estao baseados sobre dados insuficientes e superficiais que de facto reflectem um conhecimento ainda fraquissimo da historia da Luta Armada. Este texto nao é mais do que um contributo para que esta historia esteja cada vez mais alvo de debates e investigações mais intensivos. Se julgar que esta contribuição tiver algo de positivo, o credito dever-se-a em parte ao Professor Aquino de Bragança que desde já hà muito tempo anda popularizando esta historia com um entusiasmo e uma generosi-

dade dignos de emulação, e em outra parte a possibilidade que foi dada de estudar de perto a documentação publicada, e de escutar no distrito de Luanda as vozes de alguns dos participantes da Luta de Libertação.

1. Historiografia Africana e antropologia

A historiografia africana dos últimos 20 anos foi marcada por duas grandes viragens: a independência política de um grande número de países africanos nos anos 60 e uma quinzena de anos mais tarde a derrota do colonialismo português por lutas armadas articuladas em torno de uma ideologia revolucionária visando criar uma sociedade socialista. A primeira viragem traduziu-se ao nível da historiografia pela produção de trabalhos críticos sobre o colonialismo. O desencadeamento da luta armada contra o colonialismo português nas antigas colónias portuguesas devia depois permitir um aprofundamento destas críticas. As vitórias do PAIGC, FRELIMO e MPLA abriram assim o caminho a uma crítica marxista e revolucionária das análises precedentes marxistas ou não.

O texto que se segue parte da hipótese que o significado destas vitórias ao nível do que elas contribuíram para a teoria marxista, ainda não foi captado em todas as suas implicações e em particular aquelas que dizem respeito aos ensinamentos metodológicos, pedagógicos e teóricos

a extrair da Luta Armada em Moçambique. Dai o colocar a questao do papel da antropologia na luta contra o sub-desenvolvimento sem fazer referencia a historia da Luta Armada é de facto coloca-la entre parenteses. Porque no fim das contas, a questao fundamental ao nivel do ensino superior é saber como ao nivel da investigacao, do ensino, da difusao de conhecimentos contribuir a eliminacao de todos os obstaculos que impedem o pleno desenvolvimento da sociedade Moçambicana. Visto sobre este angulo salta a vista que a experiencia da Luta Armada deve ser considerada como uma das fontes de inspiracao de todo o trabalho intelectual que se deseja inovador, revolucionario e popular.

Existem varias visoes implicitas e explicitas do que foi a Luta Armada em Moçambique. Pode-se identificar pelo menos três. Ha uma visao da Luta Armada idealizada que vê a como uma experiencia que enfrentou e ultrapassou (sem grandes dificuldades) todos os tipos de problemas e conflitos. Esta idealizacao é parecida aquela outra idealizacao dos que pensam que os textos classicos do Marxismo contem todas as solucoes.⁽¹⁾ Depois existe uma compreensao critica da Luta Armada mas limitada porque analisa a Luta Armada so em termos de acontecimentos, **derrotas** e sucessos. Ha finalmente uma 3a visao que é caracterizada por uma profunda compreensao e um esforço constante de estudar cada vez mais a Luta Armada porque é so a traves este estudo que se podera constituir uma tradiçao de pesquisa e de luta

enraizadas nas realidades Moçambicanas. A pratica desta 3a visao encontra-se sobretudo nos comicios dirigidos pelo Presidente Samora Machel, nas intervenções de altos dirigentes do Partido, na existencia de instituções como o Museu da Revoluçao, o Museu Nacional de Arte, o Arquivo Historico de Moçambique onde decorrem trabalhos que contribuirao uma divulgaçao maior desta 3a maneira de entender a Luta Armada.

Alem disso nas antigas Zonas Libertadas estao a concretizar-se os primeiros passos daquele processo de transformaçao revolucionaria da sociedade Moçambicana que sempre foi o objectivo central da Luta de Libertaçao; libertaçao em todos os sentidos: libertaçao da opressao colonial e libertaçao de todas as capacidades e potencia-lidades criativas do povo. (2)

Antes de examinar particularmente a relaçaõ entre a antropologia e a experiencia da Luta Armada em Moçambique, é importante colocar todo o processo no contexto historico e ideologico em que se desenvolveu, ao nivel do continente.

Pode-se afirmar em resumo e simplificando muito que toda a colonizaçao do continente foi desencadeada e continuou a partir de pressupostos ideologicos que representam o colonizador como o salvador de Africa. A civilizaçao euro-peia, a maneira de viver dos europeus sao representadas como modelos universais a emular. Mas o Africano é representado como uma especie de aberraçao. A sua maneira de viver, a sua forma de pensar (na medida em que se lhe da esta capacida-de) sao considerados como objectos curiosos porque se situam

fora dos criterios de compreensao europeus. Assim, toda a armadura teorica da antropologia se desenvolvera no sentido de reforçar as características exóticas do Africano. A partir do mesmo preconceito, se desenvolvera a noção que o Africano não poderia ser compreendido a não ser pela antropologia, porque o africano e a sua cultura fazem ainda parte da pre-historia.⁽³⁾

Os colonizadores ao imporem a sua dominação política e económica tentaram encontrar formas de impor a sua história como sendo a única e universal, através da qual o resto do mundo --e em particular os colonizados-- devia se compreender. Existe uma ligação estreita entre por um lado a negação da história africana e o desenvolvimento de uma antropologia criada e desenvolvida para compreender o Africano. Na verdade, a própria colonização devia provocar fissuras nestes mitos.

Toda a história das relações de exploração e de dominação europeia em África está cheia de combates e lutas contra estas mistificações. Isto só veio a acontecer depois da Segunda Guerra Mundial e em particular no fim dos anos 50 em que as lutas políticas organizadas começaram a minar os alicerces destes mitos.

Um bom exemplo deste processo vem nos da emergência de Patrice Lumumba e da sua luta contra o colonialismo belga e da reacção deste. Ora, para compreender a reacção devastadora do colonizador belga contra Lumumba e preciso realizar que este rompia com todas as regras, escritas e tácticas, do saber viver as quais se devia submeter cada colonizado. Rompia também o quadro em que a etnografia

colonial bem pensante tinha encerrado toda a população colonizada. Durante a colonização belga nada irritava tanto o colonizador como o conversar com um Congolese vestido com um fato completo e falando em francês, porque se tratava de um comportamento independente que não somente destruía a imagem etnográfica do Congolese, mas pela mesma forma ameaçava a ordem hierárquica sobre a qual se baseava o estado colonial.

Entretanto, o aparelho colonial belga acabara por aceitar a existência de africanos como Lumumba. Eles pertenciam a um grupo reconhecido como o dos evoluídos, e a legislação colonial tinha mesmo previsto que alguns entre eles poderiam, depois de satisfazer certas condições, ter direito a 'immatriculation', quer dizer ter o direito aos mesmos direitos cívicos que os brancos. Mas o que o aparelho colonial não podia aceitar, era um comportamento independente do evoluído, um evoluído exprimindo uma visão do mundo que lhe era própria. Para o colonizador, um evoluído digno de respeito era aquele que se conformava com os critérios de respeitabilidade política, social, cultural, imposta pelo colonizador. O signo de um evoluído intelectualmente sofisticado era o de demonstrar conhecimentos alienantes. No domínio da música, por exemplo, era-se mais sofisticado se se preferisse a música clássica europeia a música africana sobre o pretexto falso de que aquela era muito mais complexa do que esta.

O corrolário do evoluído era o africano humilde, cheio de reconhecimento e gratidão pelo colonizador. Por outras palavras, o assim chamado verdadeiro africano não era outro que

aquela (ou aquela) que se conformava com as imagens ou ideias de que fazia o colonizador --o Africano etnografico, ou melhor, etnografado.

A irritação provocada nos meios colonialistas belgas pela ascensão política popular de Lumumba deveria chegar ao paroxismo com o famoso discurso pronunciado por Lumumba por ocasião dos festejos da independência a 30 de junho de 1960. Como nacionalista radical, Lumumba não podia aceitar que a independência se alcançasse na ignorância total do que foi a colonização, e é esta lembrança histórica que não lhe será nunca perdoada, combinada evidentemente com o facto, mais ameaçador sem dúvida, que o radicalismo de Lumumba corria o risco de por em perigo os interesses económicos das grandes companhias coloniais. (4)

A reacção do colonizador belga e dos seus aliados contra Lumumba ilustra mais uma vez que na história da colonização e da descolonização, os colonizadores e ex-colonizadores jamais hesitaram em suprimir pelos meios mais violentos os indivíduos ou os movimentos que procuravam a autonomia a todos os níveis, mas sobretudo ao nível do pensamento. Ora, ao interpretar a história colonial belga como uma história de exploração e de opressão, Lumumba demonstrava uma independência de pensamento que punha em risco no fim, de despertar um processo revolucionário para romper definitivamente com o tipo de relações existentes sob

a **colonização**. Porque Lumumba encarnava nas suas posições o desejo de libertação, a reacção assassina dos colonialistas belgas focou a sua violência sobre a pessoa de Lumumba pensando a traves esta eliminação física esmagar todo aquilo que de perto ou de longe podia lembrar a pessoa, as ideias ou discipulos de Lumumba. (5)

Quando se lê a imprensa da época é chocante a utilização de preconceitos racistas e/ou etnograficos para condenar lumumba, a esperança e o desejo de libertação que ele tinha suscitado a sua volta. (6) Alguns desses preconceitos exprimiam-se assim: como é que homens recentemente saídos da vida tribal podem pretender governar um país tao vasto, ou como esses Congolezes achao se desenrascar sozinhos so depois de 80 anos de colonização. (7) Mas, na verdade esta forma de caracterizar Lumumba e os seus compatriotas nao deveria chocar ninguem, pela simples razão de que, em 1960, o Africano, em geral, nao era conhecido do grande publico ou mesmo do publico especializado a nao ser atraves uma abundante literatura etnografica. (8) Ora, como ja foi explicado atras, pelas suas tomadas de posição, ma personagem como Lumumba escapava a etnografia porque a etnografia esteve sempre interessada pelo assim chamado African tradicional. (9) Mas apesar disso, esta mesma imprensa tentou colocar Lumumba no molde etnografico, por molde etnografico entendendo-se nao somente a utilização dos conceitos proprios aos antropologos, mas tambem e sobretudo a reprodução de uma problematica onde a superioridade de colonizador e retomada como uma coisa natural.

Podera argumentar-se que o raciocinio utilizado nao e valido porque faz apelo a uma miteratura de massa caracterizada por uma ideologia reaccionaria. Pode ser. Examinaremos o caso de um escritor que trabalhou para as Naçoes Unidas no Congo e que, por causa das suas tomadas de posição acabou por adquirir, em alguns meios neo-coloniais a reputação de agente do comunismo internacional. Trata-se de C. Cruise O'Brien. No que diz respeito a Lumumba, e provavel que O'Brien julgasse que tinha adoptado uma posição liberal. (10)

Na peça de teatro (Murderous Angels=Anjos assassinos) que O'Brien redigiu se pode ver até que ponto ele, um liberal e clarecido, sem tomar consciencia disso reproduziu as imagens retrogradadas de um Lumumba etnografado. Na introdução desta peça encontra-se um elemento tipico da ideologia colonial que queria fazer passar a ideia de que a historia de Africa nao podia ter uma dinamica propria que ela nao podia ser compreendida a nao ser atraves da dinamica da historia europeia.

Para O'Brien as personagens centrais da peça sao o Secretaria Geral das Naçoes Unidas, Dag Hammarskjöld (cuja morte num acidente de aviação e interpretada como um sacrificio para preservar a paz mundial) e P. Lumumba. O quadro de compreensao de que representam estes personagens principais deve, segundo O'Brien, partir do acto que provocou a primeira guerra mundial que ele atribui ao tiro de Gavrill Prinsip em Serajevo. (11) Nesta perspectiva, Lumumba teria sido um Gavrill Prinsip em potencia que, no interesse da paz mundial, tinha que ser reduzido ao silencio pelo grande

sacerdote da Paz (no caso, o Secretario Geral das Nações Unidas). Esta maneira de escrever a historia parece nao ter mudado hoje em dia: pede-se aos oprimidos que nao rompam o equilibrio existente, pouco importa se este equilibrio é universalmente desejavel ou imposto por uma minoria de opressores.

Implicitamente, utilizando este conhecimento da historia (partilhado certamente por Dag Hammarskjöld) O'Brien tentava mostrar a irresponsabilidade, a ignorância dum homem apenas saído do mundo tribal. A historia da necessidade de libertação do povo congolês importava pouco. Para O'Brien, esta historia (como no decorrer da colonização) nao tinha mesmo direito a cidade. Pior. Ela devia ser suprimida porque o seu desenvolvimento punha em risco o desenvolvimento sem problemas da historia do capitalismo europeu.

Por causa dos acontecimentos que se seguiram a independência do Congo era facil a O'Brien de atribuir a responsabilidade a Lumumba e assim mostrar tambem os perigos de uma sede exagerada de liberdade. A contrastar com Lumumba (cuja cabeça esconde os anjos criminosos --titulo da peça), O'Brien apresenta Dag Hammarskjöld como o grande defensor da paz. Se bem que O'Brien se simpatize com a sede de liberdade de Lumumba, nao consegue compreender a ideia de que Lumumba tenha ao mesmo tempo sede de liberdade e de paz. Esta ultima hipotese nao é vista por O'Brien porque ela é implicitamente em contradicção com a tese do dito mundo livre defensor da paz.

Ao querer mudar o curso da historia, Lumumba escapava mais uma vez ao molde etnografico: ele apresentava-se como como actor, como elemento motor da historia enquanto que a etnografia nao pode operar a nao ser dentro de um contexto

de passividade de tal forma que quando este contexto não existe, o etnógrafo da era colonial procura recriar artificialmente esta conjuntura apelando para uma noção ambígua de presente histórico.⁽¹²⁾

Alguns objectarão que ^{se} reduz aqui a antropologia a uma certa antropologia africana. Esta redução é **legítima** na medida em que **todas** as antropologias têm a característica comum de se interessarem por populações ou grupos sociais implícita ou explicitamente explorados ou oprimidos. A antropologia aparece como um instrumento indicado para compreender os camponeses do terceiro mundo, os grupos oprimidos (trabalhadores, mulheres, trabalhadores emigrados) das metrópoles capitalistas. Será ela um instrumento indicado porque ela tem necessidade de um instrumento fixo, de passividade (resultado da opressão)? Ou porque o seu modo de operar trata o seu sujeito de estudo como um objecto? É evidente que uma vez que o grupo estudado está reduzido ao nível de objecto, este não pode ser informado pois que a particularidade de uma relação entre o objecto e o seu sujeito é de engendrar só o discurso produzido pelo sujeito.

Nos casos raros, onde a situação de sujeito.objecto imposto pelo antropólogo é contestado, este sente-se frustrado e regressa a casca. É útil a este propósito **lembrar uma** anedota contada por H.A. Junod e que ilustra a contestação típica e a recusa de três Moçambicanos de participar numa entrevista que tentava procurar reproduzir as imagens favoritas que o colonizador português se fazia de Africano:

Em 1909, numa das minhas viagens à Europa, encontrei, a bordo do paquete que nos levava, três indígenas que iam, suponho, para Inglaterra por motivos políticos. Senti um grande prazer em falar com eles. Um era director dum jornal indígena, outro chefe cristão, e o 3º dirigia uma casa de educação, fundada por ele próprio. Tentei um belo dia obter deles algumas informações etnográficas. Nunca sofri insucesso tão completo em toda a minha carreira. O director do jornal era dum família Wesleyana, e nunca vivera entre os pagãos. O chefe cristão estava mais bem informado, mas por motivos que não desvendou, não se dispôs a comunicar o que sabia. O director do colégio era muito inteligente; declarou logo de começo que existia feiticaria entre os brancos do mesmo modo que entre os indígenas da África do Sul, e que isso não passava, afinal de contas, dum forma de mesmerismo. Depois, como desejava incessantemente adquirir novos conhecimentos, pôs-se à interrogar-me sobre o mesmerismo. A entrevista terminou com a lição que tive de lhe dar sobre esse misterioso assunto e não aprendi nada de novo com os meus três amigos... Deixei-os, com um sentimento de melancolia, pensando como eram diferentes dos meus informadores tongas, o Mboza, o Tobane e mesmo o Elias. (13)

Provavelmente esses últimos três eram os verdadeiros Africanos. A reacção dos outros perante o antropólogo e comparável a do Lumumba. Não queriam ser etnografados porque não queriam reforçar os preconceitos já existentes; e o próprio antropólogo ficou aborrecidíssimo porque os indígenas queriam etnografá-lo, quer dizer revolucionar as regras do jogo.

Por outro lado, a redução da antropologia a uma certa antropologia africana não é legítima porque cada antropologia é diferente na medida em que ela é um sub-produto ideológico determinado pela história das classes dominantes. É por isso que a antropologia que se pratica, digamos na Europa, se caracteriza por apresentar preocupações teóricas diferentes. Na Europa, por exemplo, a antropologia marxista ou não interessa-se só marginalmente pela dinâmica das

relações de parentesco enquanto que estes são consideradas centrais na antropologia africana. (14)

Tendo em conta estas críticas, objectar-se-a que não há razão para não recorrer à antropologia porque mesmo que ela tenha sido uma arma do opressor, ela pode ser actualmente utilizada como uma arma de libertação, e de fazer uma analogia com a metralhadora do exército colonial que foi um instrumento de libertação. Esta analogia não é aplicável. Para se libertarem os Moçambicanos precisaram da metralhadora e da mobilização popular. O estudo das diversas formas de opressão fez-se através do processo de libertação e com o objectivo ainda hoje aplicável, a eliminação de toda a forma de exploração e opressão do homem pelo homem. Noutros termos, uma arma que foi utilizada para oprimir pode transformar-se numa arma de libertação na medida em que os que se libertam estão familiarizados com o seu emprego. Este foi o caso da metralhadora, mas dificilmente se pode dizer que este é o caso da antropologia. Além disso a metralhadora tornou-se libertadora não só porque os seus utilizadores adquiriram os necessários conhecimentos técnicos para dispará-las, mas porque a própria FRELIMO realizou que venceria o colonialismo português só através da mobilização do povo:

E preciso, em suma, educar, organizar, mobilizar, armar todo o povo a fim de que ele participe na luta sabendo, exactamente, conscientemente, a razão de ser e os objectivos mediatos e imediatos da Revolução.

Só assim será possível tornar cada moçambicano um militante. E isto é fundamental, porque a única arma contra a superioridade material do inimigo residirá no Heroísmo do nosso Povo. (15)

Antes de estudar em detalhe os ensinamentos que se podem retirar da historia da luta armada em Moçambique é necessario tratar doutra objecção: a antropologia marxista permitiria ultrapassar as objecções levantadas um pouco mais acima. Este argumento parece dificilmente refutavel tendo em atenção as praticas politicas e os objectivos revolucionarios as vezes implicitamente contidos nos trabalhos dos antropologos marxistas. (16)

Assim e bom recordar que primeiramente a antropologia marxista se desenvolve somente apos as independencias, quer dizer num momento em que as lutas politicas do terceiro mundo ja lhe tinham desbravado o caminho. Foram as lutas politicas de libertação que tornaram possível a consolidação de uma antropologia marxista. Em segundo lugar, desde que se examine de perto os temas que dominam esta antropologia, nota-se imediatamente que sao essencialmente os mesmos que dominavam durante o tempo colonial. Noutros termos, descobre-se que o que determina a direcção das diferentes antropologias regionais (ou historicas no caso dos estudos ligados a Roma ou Grecia antigas), é em definitivo a historia desta regio. A antropologia marxista em Africa é ainda, em grande medida, determinada pelo que foi a antropologia durante o periodo colonial. A adopção do marxismo permitiu de uma certa maneira de radicalizar a antropologia, mas nao para a repor totalmente em questao. (17)

2. Revolução Moçambicana e ruptura total com as problemáticas herdadas da colonização⁽¹⁸⁾

Entre a tomada de posição de Lumumba e a criação da FRELIMO existe uma ligação sobre a qual vale a pena debruçar, porque permite melhor captar a amplitude da revolução que nasce com a criação da FRELIMO. A morte de Lumumba e a liquidação do seu movimento menos de seis meses após a independência ilustra ao mesmo tempo a ameaça (pela ordem estabelecida) e a fraqueza do que isso representava no processo de autonomização do continente. A derrota de Lumumba e a neo-colonização do Congo que se seguiu devia constituir uma das lições mais inesquecíveis para os fundadores da FRELIMO.⁽¹⁹⁾

Para acabar totalmente com a África etnográfica era necessário não somente criar um movimento de libertação era necessário também iniciar uma luta onde o pretensão verdadeiro africano, o objecto preferido dos etnógrafos iria jogar um papel central no próprio processo de destruição do colonialismo e de transformação revolucionária da sociedade.

Em 1962 quando é formada a FRELIMO, os seus dirigentes já tinham tirado as principais lições da descolonização --a mobilização das populações só tinha sido efectuada para permitir de encher as urnas de voto e os bolsos da pequena burguesia que tinha assegurado o controlo do aparelho estatal. Dois anos mais tarde com o início da Luta Armada

a preocupação central e constante dos dirigentes vai ser ter sob o ponto de mira os interesses do povo lutando para criar as condições em que este último poderia possa ao mesmo tempo definir os seus interesses e elaborar uma defesa apropriada. No decorrer de uma entrevista concedida em 1976 o Presidente Machel insistia sobre esta concepção das relações entre os dirigentes e a base:

Não se pode olhar o povo lá de cima e dizer 'olha o povo sofre! Sempre combatemos isto e combateremos agora com mais energia. Ver o povo como o sentido da nossa acção não faz nenhum sentido. Se eu, ao nível individual, não me liberto, como poderei contribuir à libertação do meu povo. (20)

Libertar-se dos conceitos e da história que dominam para poder forjar numa nova história e novos conceitos; procurar constantemente novos conceitos em função dos objectivos próprios definidos pelas condições concretas de Moçambique. Em termos militares e políticos, era uma estratégia baseada sobre a necessidade de sempre ter a iniciativa e que acabava por colocar (quando sucedida) o inimigo em posição de inferioridade porque lhe obrigava a operar num campo de batalha que não conhecia poisque não tinha sido escolhido por ele.

Na história da FRELIMO ha um domínio privilegiado que permite ilustrar como a ruptura total com os conceitos do passado foi operada, especificamente no campo de batalha contra o racismo e o tribalismo. (21) Por demagogia ou oportunismo político teria sido extremamente fácil para a FRELIMO adoptar as posições dos extremistas do

nacionalismo cultural negro fazendo propaganda de um racismo do oprimido ou mesmo de adoptar a posição liberal do multi-racismo. Mas para os dirigentes da frente, uma e outra posição não podiam ser defendidas porque elas reproduziam sobre outras formas a opressão racial.

Na historia, em geral, os racistas sempre se acomodaram com os inimigos que viam no racismo de uma cor ou de outra o mal fundamental e não o sobreproduto de uma relação de classes. Os exemplos onde os racistas negros e brancos se encontram sobre o mesmo terreno são numerosos:

Marcus Garvey, um dos dirigentes negros mais popular da historia Afro-Americana, e que pregava o retorno dos negros para o continente africano, entendia-se muito bem com os dirigentes do Klu Klux Klan que viam nessa solução sionista uma das maneiras de manter a pureza da raça branca nos Estados Unidos. (22) Mais perto de nós Idi Amin não hesitava em declarar a sua admiração por Adolf Hitler. Mais perto ainda, Jonas Savimbi aliando-se ao regime do Apartheid para satisfazer as suas ambições pessoais. (23)

Por seu lado os regimes no poder reagiram sempre com uma virulência decuplicada desde que se sentiram confrontados por um grupo, a movimentos ou a individuos que procuram construir uma sociedade anti-racista. Aqui também os exemplos abundam. Partindo de lutas que se desenvolvem hoje em dia em toda a África Austral até aos Estados Unidos onde a ideologia anti-racista ganha terreno mesmo entre aqueles que se tinham distinguido por tomadas de posição mais ambíguas. Típico deste percurso é o caso de Amiri Baraka (Leroi Jones) que escreve na introdução de um dos seus últimos livros:

Tem existido um movimento constante e profundo camuflado de alguma forma pelo facto de ser mais difícil agora para mim, por exemplo, de ver as minhas obras publicadas pelos grandes editores. O movimento do meu trabalho dentro, através e fora do nacionalismo, esta bem narrado, mas largamente não publicado. Não é ironico que era mais facil publicar o meu trabalho gritando 'odio aos brancos' do que conseguir publicar trabalho que afirma inequivocamente: 'MARXISTAS-LENINISTAS UNI-VOS, GANHEMOS OS MAIS ESCLARECIDOS PARA O COMUNISMO. CONSTRUAMOS UM PARTIDO MARXISTA-LENINISTA REVOLUCIONARIO NOS ESTADOS UNIDOS PARA DESTRUIR O CAPITALISMO E CONSTRUIR O SOCIALISMO.(sublinhado por A. Baraka).²⁴

Mas retornemos a FRELIMO e à luta contra o colonialismo português onde o medo era alimentado pelas suas proprias praticas. A visao do colonialismo português estava limitada pelas praticas racistas as quais ele estava acostumado.⁽²⁵⁾ Com efeito para ele não havia que uma unica alternativa para o racismo branco —or racismo negro exacerbado pelo desejo de vingança. As relações de opressão e de exploração que o opressor colonial tinha forjado ao longo dos seculos tinha-se desenvolvido a ponto de o impedir de imaginar ou pensar a possibilidade de um sistema onde as relações antiracistas poderiam ser uma alternativa. O opressor que se tinha transformado no decorrer dos seculos num carrasco não podia imaginar que as suas vitimas pudessem desejar outra coisa do que a posição do carrasco. Onde a incredulidade, a desconfiança e por vezes simplesmente a recusa de considerar a alternativa anti-racista da FRELIMO. A implicação revolucionaria desta posição anti-racista leva a que ela seja libertadora não somente para o oprimido, mas ela liberta também o opressor que chega a conclusão que o oprimido, afinal de contas não inveja o seu papel, mas procura simplesmente a acabar com o sistema que necessita o papel do opressor.⁽²⁶⁾

Por cause das vitorias conquistadas no decorrer da sua historia e por causa da forma como elas foram alcançadas e em particular na Zonas Libertadas é regularmente reconhecido que para continuar a progredir a FRELIMO deve inspirar-se na sua historia da Luta Armada. Ainda é necessario saber qual é a inspiraçoao que é preciso ir procurar nesta experiencia da Luta Armada. Nessa mesma entrevista citada acima,

o Presidente Machel lembrava:

La situation d'aujourd'hui n'est pas plus facile qu'hier. L'ennemi principal d'hier, le colonialisme, se définissait par sa nature. On le voyait. Il nous opprimait. Il nous humiliait. Il nous divisait. Il nous tuait. On ne risquait pas de se tromper. Quant aux ennemis d'aujourd'hui, il y en a qui sont difficiles à détecter, à dénoncer... Comment engager le combat contre ce poison caché qui se reproduit chaque fois qu'on croit l'avoir éliminé, qui se multiplie et change d'aspect... Vivre la ligne de Frelimo, c'est-à-dire vivre les préoccupations principales de la majorité du peuple opprimé....

Mais le colonialisme n'est pas l'ennemi le plus dangereux. Il y a une manière erronée de voir les choses, une certaine mentalité que nous avons gardée et qu'il faut abattre à tout prix.

e um pouco mais adiante:

Pour revenir aux zones occupées jusqu'à la fin par l'ennemi, notre principal problème est d'y expliquer --et de le démontrer, bien entendu-- qu'il faut abandonner entièrement le système instauré par le colonialisme. Il faut éviter à tout prix que l'on essaie de reproduire le mécanisme du colonialisme --au niveau économique, mais aussi bien social et culturel-- sans colonialistes. Le Frelimo est en train de démontrer à cette partie de la population que non seulement nous n'avons pas besoin d'imiter le colonialisme, mais que nous pouvons faire et réaliser ce que le colonialisme n'a pas su ou voulu faire. (27)

Assim a significação plena da revolução moçambicana não se mede somente pela relação ao colonialismo, mas também em relação as outras revoluções socialistas:

Escusamos de tentar rotulá-la em relação a qualquer um dos três "modelos" revolucionarios tradicionais do nosso tempo: têm afinidades com todos eles, é possível encontrar paralelismo com todos eles, mas a verdade é a ideologia politica da Frelimo se afirma antes de mais nada como profundamente original e enraizada na realidade de Moçambique. Nasce, portanto, da pratica. Embora não recusando os "modelos" soviético: chinês ou cubano -- cujas experiencias revolucionarias incorpora quando necessario so depois de adaptadas às situações concretas de luta-- ela debate-se desde os primordios da organização por uma adequação correspondente a circunstancialismos unicos no mundo: a luta contra o colonialismo português na Africa Austral, a luta pela libertação de Moçambique. Na verdade, no caso da FRELIMO, a época dos "modelos" passados a papel quimico foi já ultrapassada. (28)

E nesta perspectiva que se devria poder colocar a relação entre a antropologia e a Revolução Moçambicana. Uma perspectiva que já contribuiu de uma maneira fundamental para a emergencia de uma problemática autonoma e enriquecedora do marxismo. Isto, tanto mais que a ligação entre o racismo, o colonialismo e a antropologia africana e muito concreta, e, no caso da FRELIMO esta ligação foi duplamente concretizada na pessoa do seu primeiro presidente formado academicamente como antropologo, mas um antropologo cuja carreira foi determinada pelas exigencias que enviavam para o segundo plano a satisfação dos interesses ou preferencias individuais, das exigencias que de uma certa maneira, tornavam caducas o facto do primeiro presidente da FRELIMO era antropologo de profissao. O que importa assinalar é a relação entre a antropologia e a libertação de Moçambique se colocava para o Dr. Mondlane ao mesmo tempo em termos academicos e em termos revolucionarios. No seu caso é esta ultima problemática que prevaleceu. Pode-se perguntar se as modificações que tiveram lugar entretanto são de natureza

a sugerir outras opções?

Por alguns, como já mencionado acima, uma antropologia marxista, engajada politicamente seria uma alternativa. Existem fortes razões para duvidar disso quando se coloca a questão de saber se esta antropologia marxista seria capaz de frutificar a herança metodológica da luta armada. Pois é importante de não esquecer que a antropologia marxista é de qualquer forma o ponto de chegada de uma longa história que parte da antropologia física e passa por diversas fases --cultural, funcionalista, estruturalista. Estas fases podem ser vistas como concertos grosseiros que mantem relativamente intactas as premissas fundamentais da antropologia, a saber que certos grupos ou formações sociais não são analisáveis ou compreensíveis a não ser por análises antropológicas.

O que dá uma aparência de aceitabilidade à antropologia marxista como método e técnica de investigação científica vem não do que é herdado da antropologia, mas do que é herdado do marxismo. Ora, o marxismo no Moçambique de hoje não tira a sua força de uma tradição academizada, mas da experiência concreta da luta armada. Talvez pode-se lastimar que esta experiência concreta da Luta Armada não seja ainda suficientemente disseminada, e assim suficientemente conhecida para aparecer (pelo menos aos universitários) como fonte academicamente aceitável e respeitável de inspiração metodológica. Esta falta traz o perigo ao nível de investigação duma rejeição pura e simples desta experiência. Risco muito mais fácil de ocorrer no meio universitário (com algumas excepções) que contrariamente a outros sectores da sociedade moçambicana (como as FPLM) opera num vazio

onde torna-se mais facil de reproduzir as tradiçoes intelectuais, metodologicas pouco relacionadas com as realidades concretas de Moçambique. (29) Nao é dificil de compreender porque é que um intelectual mesmo que marxista, é facilmente levado a reproduzir a sua herança academica de que a meter em questao, eventualmente a destrui-la. Tanto mais que, como lembrava recentemente o Presidente a Guerra de guerilha que foi uma escola excepcional nao existe mais. Com ela tambem desapareceu aquela outra escola unica de preparaçao politica, militar e ideologica que foi Nachingwea.

Estas ausencias e estas mudançãs sao tantos outros factores que podem, pelo menos em parte, explicar o desinteresse pela Luta Armada. Para o intelectual com uma formaçao puramente academica, é uma experiencia que, à primeira vista, nao tem qualquer pertinencia academica. Um facto ainda mais incompreensivel visto os esforços desencadeados por varios dirigentes e sectores para relacionar os ensinamentos da Luta Armada de Libertaçao com os problemas enfrentados hoje.

Assim, aos universitarios preocupados em estudar o mundo camponês parecera muito natural recorrer a antropologia porque esta parece ser a primeira vista a unica disciplina academica capaz de esclarecer, de informar e de explicar os comportamentos ou as crenças tipicas do mundo rural. Ora tendo em conta a experiencia mesma da Luta Armada é permitido por em duvida este raciocinio. Mais. Seria necessario historiar o desenvolvimento da antropologia na UEM. Nao historiar no sentido de identificar e periodizar os acontecimentos mas no sentido cientifico de identificar a ideologia e as posi-

ções de classe defendidas no processo de criação e desenvolvimento da antropologia. Isto não seria nada mais nada menos de que a aplicação da crítica e auto-crítica na UEM e poderia ser estendido a outros departamentos e faculdades com o objectivo de analisar em que medida a Independência de 1975 dentro da UEM significou rupturas ou tentativas de romper com as problemáticas colonialistas, ou simplesmente adaptações oportunas.

O camponês desconfiado e refractário ao progresso (ou à socialização) é uma afirmação normalmente aceite mas desde que se lance um olhar rápido sobre a história da Província de Cabo Delgado é o inverso que salta à vista e impressiona mais: os habitantes de Cabo Delgado fugiam do colonialismo português que se apresentava como portador de civilização. Estes erros de concepção relativos ao campesinato reencontram-se também no marxismo onde uma certa ortodoxia tentou fazer cre que as revoluções não poderiam nunca vir de Leste, pois que somente os países que tenham um proletariado desenvolvido poderiam conseguir organizar uma revolução socialista. As revoluções chinesas e vietnamitas deitaram estas certezas a baixo. A mobilização feita pela FRELIMO e o desencadeamento da Luta Armada nas províncias de Niassa, Cabo Delgado, Zambézia e Tete demonstraram como e quanto é perigoso se fiar às ideias recebidas.

Anos antes do desencadeamento da Luta Armada em Moçambique o governo português tinha mandado estudar os Makondes por um dos seus melhores antropólogos, J. Dias.⁽³⁰⁾ Não existe na história de Moçambique uma ilustração mais apropriada do que esta justaposição ironica: de um lado o antropólogo

J. Dias trabalhando para o aparelho colonial para tentar compreender (e fazer parar) esta fuga em massa dos Mkaondes, e de outro lado o antropologo Eduardo Mondlane que organiza uma frente revolucionaria e consegue fazer pegar nas armas a uma populacao julgada muito atrazada para ter o direito ao minimo conforto economico e social. (31)

Apesar destes exemplos que contrariam certas ideias feitas continua a ser facil hoje em dia falar de obscurantismo veiculado pelo mundo campones que de obscurantismo propagado por uma disciplina como a antropologia ou, de modo mais geral, as ciencias sociais. Isto nao quer dizer que nao ha obscurantismo nos meios camponeses. Longe disso. Mas aqui tambem a historia da Luta Armada de Libertacao demonstrou pela pratica, como este obscurantismo pode ser combatido sem reproduzindo-lo numa linguagem esoterica acessivel e compreensivel somente para um grupo de espedialistas. (32) mas atraves de um trabalho de mobilizacao que é ao mesmo tempo um trabalho de informacao, formacao e transformacao de todos os protagonistas. Ora, esta pratica de mobilizacao politica e totalmente impossivel de ser realizado pela pratica veiculada pela antropologia academica. Aqui tambem, a comparacao entre o revolucionario E. Mondlane e o antropologo J. Dias pode ser muito instrutiva. O Presidente E. Mondlane bem como J Dias queriam conhecer o mundo campones, mas em cada um dos casos as hipoteses de partida, as motivacoes e os objectivos divergem totalmente. No caso do Presidente Mondlane e da Frente que ele dirigia a aquisicao de conhecimentos era motivada pela necessidade de mobilizar com vista a acabar com a opressao. Mais. No

processo de transformação revolucionaria o camponês era chamado a desempenhar um papel motor. No caso de Dias (e do aparelho colonial), tratava-se de iniciar uma reforma das relações entre colonizados e colonizadores para manter a predominância destes últimos. Noutros termos de um lado uma prática que desemboca numa revolução das relações dentro da sociedade e de outro lado uma prática incapaz de se desembaraçar da convicção que o Africano e em particular o camponês africano é incapaz de mudar por ele próprio.

A ideia desta pretensa incapacidade de mudança esta de tal forma enraizada nas análises académicas que elas fazem agora parte integrante das teorias marxistas sob a designação bem comoda da dissolução-reprodução das relações de produção pre-capitalistas. Não é possível discutir aqui a fundo esta questão. Mas é possível fazer a seguinte crítica. Ao avançar as teorias de reprodução-dissolução das relações de produção pre-capitalistas, os antropólogos Marxistas traduziram para uma linguagem marxista uma análise que é fundamentalmente ancorada numa problemática não marxista na medida em que ela reproduz um dos preconceitos centrais da antropologia colonial, a saber a incapacidade de mudança do camponês. (33)

Os dirigentes da FRELIMO, fazendo pensar nisto às revoluções chinesas e vietnamitas iniciaram o seu caminho de um pressuposto totalmente oposto, a saber que a maioria dos camponeses estavam prontos a mudar na medida em que esta mudança é compreendida como portadora de bem estar e de melhoramento das suas condições de vida. (34)

3. Conclusao

Que fazer perante a antropologia, uma ciência que Cl. Lévi-Strauss qualificou algures de filha de colonialismo? Na medida em que se trata de uma herança seria necessario aplicar-lhe a mesma analise e a mesma resposta que a FRELIMO avançou no que diz respeito ao Estado herdado da colonização --proceder a sua destruição ao mesmo tempo que se constroi uma nova ciência de investigação que tira os principios metodologicos do marxismo temperado na forja da revolução Moçambicana.

E de salientar que a critica feita ao longo desta contribuição embora focada sobre a antropologia nao foi feita num espirito sectario de argumentar que existe so uma disciplina academica (p. ex. a historia) que possa ultrapassar as deficiencias da antropologia mencionadas neste texto. Tentou-se aqui desenvolver uma analise, uma abordagem inspirada do marxismo vivido e praticado durante a Luta Armada. Isto quer dizer num espirito de abertura e de rigor que recusa de aceitar a cientificidade duma analise so porque é chamada marxista.

Uma das grandes lições que se pode destacar da Luta Armada no que respeita o marxismo (e que permite precisamente afirmar que a FRELIMO enriqueceu o marxismo) reside no facto que os dirigentes da FRELIMO tentaram sempre utilizar o Marxismo como um instrumento necessario mas nao suficiente de analise. Para melhor compreender este ponto, pode-se comparar a relação entre o marxismo e as revoluções a que existe entre a grammatica e a lingua. As duas teorias (marxismo e grammatica) sao essenciais respectivamente às revoluções

e para falar qualquer lingua. Mas a lingua nao se aprende so atraves a grammatica (necessaria mas nao suficiente). O conhecimento perfeito da grammatica duma lingua nao significa que a pessoa que tem este conhecimento podera se fazer entender. A forca da FRELIMO durante a Luta Armada foi de nao se deixar impressionar e paralizar pela grammatica complexa das teorias marxistas mas de saber se fazer ouvir e entender dentro das regras fundamentais desta grammatica e desta forma mante-la viva. Se conseguir a reproduzir esta pratica diminuir-se-a o risco que corre qualquer ciencia que consegue sucessos, precisamente por causa destes sucessos, de ser fixada, de ser grammatizada, e assim tornar-se esteril e inutil e ao mesmo tempo adquirir um interesse academico. (35)

Notas

- (1) Em relação a este ponto ver a explicação do Presidente Samora Machel no texto "Samora Machel: Crítica e auto-crítica da luta de libertação", Tempo, nº 201, 28.7.1974, especificamente o ponto 2: teoria e prática revolucionária onde o Presidente explica como do ponto de vista da FRELIMO as teorias existentes eram deficientes. Texto de Mota Lopes.
- (2) Ver as intervenções presidenciais nas últimas visitas ao Niassa (Agosto 1981) e Cabo Delgado (Setembro 1981).
- (3) A literatura crítica sobre a antropologia é tão vasta que chegou a se criar revistas críticas como Critique of Anthropology (Londres).
- (4) A parte do discurso de Lumumba que chocou mais os ouvintes belgas foi a seguinte:
- "Car cette indépendance du Congo, si elle est proclamée aujourd'hui dans l'entente avec la Belgique, pays ami avec qui nous traitons d'égal à égal, nul Congolais digne de ce nom ne pourra jamais oublier cependant que c'est par la lutte qu'elle a été conquise (applaudissements), une lutte de tous les jours, une lutte ardente et idéaliste, une lutte dans laquelle nous n'avons ménagé ni nos forces, ni nos privations, ni nos souffrances, ni notre sang. Cette lutte, qui fut de larmes, de feu et de sang, nous en sommes fiers jusqu'au plus profond de nous-mêmes, car ce fut une lutte noble et juste, une lutte indispensable pour mettre fin à l'humiliant esclavage qui nous était imposé par la force.
- Ce que fut notre sort en 80 ans de régime colonialiste, nos blessures sont trop fraîches et trop douloureuses encore pour que nous puissions les chasser de notre mémoire. Nous avons connu le travail harassant, exigé en échange de salaires qui ne nous permettaient ni de manger à notre faim, ni de nous vêtir ou nous loger décentement, ni d'élever nos enfants comme des êtres chers.
- Nous avons connu les ironies, les insultes, les coups que nous devions subir matin, midi et soir, parce que nous étions des nègres. Qui oubliera qu'à un noir on disait "tu", non certes comme à un ami, mais parce que le "vous" honorable était réservé aux seuls blancs?
- Nous avons connu que nos terres furent spoliées au nom de textes prétendument légaux qui ne faisaient que reconnaître le droit du plus fort?
- Nous avons connu que la loi n'était jamais la même selon qu'il s'agissait d'un blanc ou d'un noir: accommodante pour les uns, cruelle et inhumaine pour les autres.
- Nous avons connu les souffrances atroces des relégués pour opinions politiques ou croyances religieuses; exilés dans leur propre patrie, leur sort était vraiment pire que la mort elle-même.
- Nous avons connu qu'il y avait dans les villes des maisons magnifiques pour les blancs et des paillottes croulantes pour les noirs, qu'un noir n'était admis ni dans

les restaurants, ni dans les magabins dit européens; qu'un noir voyageait à même la coque des péniches, aux pieds du blanc dans sa cabine de luxe.

Qui oubliera enfin les fusillades où périrent tant de nos frères, les cachots où furent brutalement jetés ceux qui ne voulaient plus se soumettre au régime d'une justice d'oppression et d'exploitation (applaudissements). J. Van Lierde, La Pensée politique de Lumumba, Paris, 1963, pp. 198-9.

- (5) É interessante notar que esta reacção repressiva motivada pelo ódio de Lumumba se manifestou até em Moçambique onde houve uma caça às pessoas que através do seu comportamento, a sua aparência física (ter barba por exemplo) ou as suas palavras demonstrava qualquer coisa que pudesse ser interpretado como uma demonstração de simpatia à causa defendida pelo Lumumba. Documentação numa entrevista feita na companhia de cimento no quadro de um projecto de "história da classe operária moçambicana pelos operários" (Arquivo histórico de Moçambique).
- (6) Ver por isso os quotidianos Belgas da época, entre outros Le Soir e sobretudo os artigos assinados por JK na La Libre Belgique. Em Moçambique, ver por exemplo Voz Africana.
- (7) nota (5). Parecida à propaganda dos colonialistas portugueses. ver por exemplo a brochura, sem data nem sítio de publicação (provavelmente início dos anos 60) intitulada Uma Pátria para todos.
- (8) Facilmente verificável nas bibliografias da época. Este facto explica também porque se desenvolveu a disciplina coxa da etno-história que de facto era mais coxa, era um casamento contra a natureza.
- (9) Não há melhor guia de como abordar, como procurar o Africano tradicional de que o livro Notes and Queries on Anthropology, Londres 6a ed. 1967.
- (10) Esta é a impressão deixada pelo livro To Katanga and Back recordando as experiências de C. Cruise O'Brien como funcionário das Nações Unidas no Congo.
- (11) O assassinato na cidade de Serajevo (Jugoslávia) em 28.7.1914 do archiduc François-Ferdinand de Habsbourg é tradicionalmente considerado como o detonador da Primeira Guerra Mundial.
- (12) Uma abstracção que permite de estudar um grupo social qualquer isolando-o do contexto histórico e, mais importante, pretendendo que o impacto do colonialismo não tinha provocado mudanças notáveis e que o que

aparecia à superfície no momento de investigação representava mais ou menos aquilo que existia antes de se iniciar o colonialismo.

- (13) H.A. Junod, Usos e Costumes dos Bantos, tomo 1, 2a ed. Lourenço Marques, 1974, pp. 10-11.
- (14) A discussão sobre a antropologia da Europa do Sul: Critique of Anthropology, vol. 4, n.º 16. Também Household and Kinship, History Workshop, 10 e History Workshop, 11 respectivamente por Miranda Chaytor e Keith Wrighton.
- (15) O Processo revolucionário da Guerra Popular de Libertação, colecção textos e documentos da FRELIMO, 1, Ed. do DTI da FRELIMO, 1977, p. 66. (A partir daqui: O Processo. Em relação ao que significa mobilização na tradição política de FRELIMO é bom referir-se à resolução da 3a Reunião Nacional do Trabalho Ideológico em 3 de Julho 1981 (Notícias, 6 julho 1981) em que o Secretario do DTIP, J. Rebelo retoma e acrescenta os princípios de mobilização formulados e aplicados durante a Luta Armada, como se pode ver no texto "Mobilização e organização do povo: condição da vitória", O Processo, pp. 145-149.
- (16) Por exemplo, J. Copans, Anthropologie et Impérialisme, Paris, 1975, entre as múltiplas contribuições.
- (17) Com certas excepções como P.Ph. Rey, Capitalisme Négrier, Paris, 1976.
- (18) De reparar que a palavra problemática não tem nada a ver com problemas, tipo de problemas ou serie de problemas mas sim com o domínio ideológico, científico-teórico ou filosófico em que se situam os conceitos necessários para pôr questões e construir respostas. Por exemplo, em relação à opressão colonial as repostas políticas ou ideológicas dependiam essencialmente de como era analisada e caracterizada esta opressão. Por isso resposta marxistas dadas a questões determinadas por uma problemática anti-Marxista serão sempre erradas.
- (19) Em certa medida num texto deste tipo haverá uma certa idealização do que é ou era a FRELIMO visto que ela transformou-se ao longo da sua história. Ver Samora Machel (texto de Neta Lopes), "Crítica e...", Tempo, 201, 28.7.74. Em relação ao impacto do Lumumba:
"História da classe operária Moçambicana pelos operários", A.H.M. fitas da Companhia de Cimento.
- (20) Entrevista exclusiva do Presidente S. Machel, Afrique-Asie, n.º spécial, 109, mai 1976.

- (21) Sobre este tema, Samora Machel, Crítica e auto-crítica assim como as frequentes intervenções do Professor A. de Bragança. Entre outras, palestra dada na Faculdade de Medicina, Novembro 1981.
- (22) J.H. Clarke (ed.) M. Garvey and the vision of Africa, Vintage books, 1974, pp. 101 117, 176, 177.
- (23) Claro que a posição de J. Savimbi não se pode reduzir a isto Ver A. de Bragança, "Savimbi: Estudo sobre a contra-revolução", Estudos Moçambicanos, 2, 1981, 87-104.
- (24) Amiri Baraka (Leroi Jones) The Motion of History and other plays, N.Y. 1978, p. 16.
 Este percurso ideológico é parecido^a de Walter Rodney, Guyanes, historiador revolucionário e autor do famoso "Como a Europa subdesenvolveu a África." Como Amiri Baraka, Rodney também passou por uma fase durante a qual defendia com energia a ideologia do nacionalismo cultural preto. O seu regresso, em 1974, numa Guyana minada por antagonismos raciais estimulados pelo partido de F. Burnham devia o convencer de abandonar totalmente esta ideologia. Para ele ficou claro^{que o único} caminho para democratizar o regime de F. Burnham era de organizar um partido político defendendo os interesses das massas Guyanesas sem distinção de raças. A reacção de Burnham contra este novo partido (Working People's Alliance) foi violentíssima e culminou em 13.6.80 com o assassinato por meio duma bomba, de Walter Rodney. Ele pagava assim com a sua vida uma viragem ideológica que o colocava, pelo menos no combate contra o racismo, na mesma trajectória que a FRELIMO. Outro caso semelhante é o de Malcolm X (nos Estados Unidos) cu o assassinato coincide também com o seu afastamento das posições nacionalistas pretas propagandada pelos Black Muslims.
- (25) Bem explicitado entre outros em Uma pátria para todos já mencionado.
- (26) Esta posição não se encontrava só entre os colonialistas mas também nas próprias fileiras da FRELIMO. Ver Samora Machel, "Crítica e auto-crítica..."
- (27) Afrique-Asie n° spécial, 109, 17-30 mai, 1976, p. VIII, palavras ainda aplicáveis hoje.
- (28) S. Machel "Crítica e auto-crítica"
- (29) Seria informativo e mobilizador fazer um estudo para ver até que ponto as origens colonialistas da Universidade ainda marcam e caracterizam o funcionamento da UEM.

- (30) No curso de História das Lutas de Libertação (3º ano Departamento de História) o Professor A. de Bragança desenvolveu uma crítica muito detalhada e assente em textos de apoio que documentam muito bem os trabalhos e o papel ideológico de J. Dias no contexto das tentativas reformistas do colonizador português.
- (31) Documentado nos trabalhos feitos em Cabo Delgado e que serão divulgados daqui a pouco no Boletim da Oficina de História do Centro de Estudos Africanos: Não Vamos Esquecer.
- (32) B. Davidson, Africa in Modern History, London, 1978, pp. 341-356, ilustra bem este ponto.
- (33) Não se deve concluir por isso que a FRELIMO se apresentava só como o partido dos camponeses. Na Voz da Revolução nº 22, Maio-Julho de 1974 lê-se o seguinte:
 "Um aspecto importante a salientar, e que explica todos os nossos sucessos, é o facto de contarmos com a adesão de todos os sectores da população moçambicana --operários, camponeses, intelectuais, funcionários, pretos, brancos, mestiços, indianos, chineses-- todo o povo apoia a FRELIMO e identifica-se com os seus ideais. Esta situação é o resultado da linha política correcta, popular e revolucionária da FRELIMO que preconiza a defesa intransigente dos interesses do povo e não admite qualquer manifestação de discriminação racial ou étnica ou regional. A propósito dos camponeses, continua a arrogância colonialista de certos historiadores por quem o processo desencadeado pela FRELIMO é posto ao mesmo nível do que o colonialismo Português. Caso do recente livro de Leroy Vail e Landeg White, Capitalism and Colonialism in Mozambique. A Study of Quelimane District, London 1980. Pior. Este livro tornou-se, por outros historiadores como uma das fontes principais da história de Moçambique. Ver o prefácio de M. Newitt, Portugal in Africa, London, 1981, onde se lê entre outros: "The ideological dust of the wars of liberation had begun to settle, making the view of the historical landscape rather clearer..." Newitt dá mais autoridade a Vail e White no que respeita à história d FRELIMO. Só historiadores violentemente anti-marxistas podem-se baixar a uma utilização tão desleixada dos dados que dizem respeito à história da FRELIMO.
- (34) Ver os vários comunicados de guerra. O Processo, pp. 129-142.
- (35) A propósito da prática do marxismo na FRELIMO, ver as intervenções do Professor A. de Bragança. Entre outras o resumo duma no número especial de Afrique-Asie, nº 217, 7-20 juillet 1980, "Le Marxisme de Samora".